

FOLIAS DE REIS E FESTAS DE PADROEIROS: PRÁTICAS FESTIVAS E DEVOCIONAIS NO MUNICÍPIO DE ANÁPOLIS-GOⁱ.

Maria Idelma Vieira D'Abadiaⁱⁱ
Thaís Ruskaia de Sousa Silvaⁱⁱⁱ

Introdução

O presente artigo objetiva-se apresentar uma reflexão inicial a cerca das folias, principalmente as de Reis, e as festas de padroeiros no município de Anápolis. Esse texto apresenta-se como resultado preliminar de pesquisa, na qual buscou-se realizar um estudo sobre a dinâmica das paisagens constituídas nas manifestações culturais das religiosidades populares no município. Para esclarecer, as religiosidades populares estudadas estão voltadas para as festas de padroeiros paroquiais e grupos de folias que atuam nesse mesmo local.

Foram selecionadas para o estudo, utilizando o critério de localização e data de criação (mais antigas), 10 paróquias, a saber: Catedral do Bom Jesus/Centro e Paróquias de: Santana/ Centro, Santo Antônio/Centro, São João Batista/Vila Formosa, Nossa Senhora da Abadia/ Vila Gois, São Joaquim/Bairro São Joaquim, São Pedro e São Paulo/ Maracanã, Nossa Senhora de Fátima/Jaiara, São Cristóvão/ Parque Iracema e Santa Rita de Cássia/ Miranópolis – zona rural.

Folias e festas de padroeiros são manifestações culturais de caráter religioso popular e que enfatizam importantes tradições religiosas e locais. D'Abadia e Almeida (2010, p. 61) expressa a ideia de festa baseada em Brandão (1989), na qual, “a festa está intimamente relacionada às únicas, raras e repetidas situações da vida. As comemorações são enfatizadas pelas sociedades em menor ou maior grau dependendo das situações”. Essas comemorações, ou seja, as festas e folias, representam na dinâmica dos lugares, seja urbano ou rural uma simbologia que emerge como forte expressão cultural de um grupo, no caso, os devotos do padroeiro, os participantes das folias, os promesseiros, os acompanhantes, dentre outros.

Para Brandão (2004, p. 396) a folia é “essencialmente uma prática religiosa coletiva e uma sequência de rituais entendidos como capazes de colocar em evidencia a solidariedade entre todos os participantes”. Compartilhando dessa mesma ideia, Pessoa (2005) apresenta as folias como uma forma de saber, ou seja, uma compreensão de mundo realizada pelos sujeitos sociais que a pratica e a compõe voltada para a solidariedade

humana. Nas folias há oportunidades de desenvolvimentos de práticas de aprendizagem dos saberes populares outrora guardados na memória dos mais velhos, sendo repassados e vividos pelos mais novos no conjunto da prática religiosa cultural.

Diante do exposto o projeto busca somar e avançar no conhecimento já existente para alcançar a amplitude e a dimensão pretendida. Com enfoque na espacialização das manifestações culturais tendo como expressão maior destas o patrimônio, especificamente as festas de padroeiros e as folias que ocorrem no município. Interrogando como elas criam uma paisagem cultural e se guardaram ou perderam sua dimensão simbólica face aos interesses diversos que envolvem sua realização.

Na sua essencialidade, as festas de padroeiros são manifestações tradicionais e constituem a base de composição do patrimônio cultural de cada localidade. Sua restrição apenas aos grupos que praticam os ritos e rituais durante as manifestações religiosas modifica-se paulatinamente, vista pela inserção de outras influências e a visitação crescente de pessoas nas localidades durante as festas. Esses fatores corroboram para impulsionar uma atividade muito valorizada nesse tema em Goiás: a atividade turística.

Para o suporte metodológico da investigação apoia-se na visão de Cosgrove (1998) que instiga a realizar uma decodificação geográfica dos múltiplos significados que envolvem as paisagens culturais, e aqui em especial, as manifestações culturais presentes nas festas de padroeiros e nas folias ocorridas nas paróquias selecionadas.

Essa decodificação é alcançada por meio das evidências fornecidas por “qualquer fonte que possa promover os significados contidos na paisagem, para os que a fizeram, a alteraram, a mantiveram, a visitaram e assim por diante, e outras que possam desafiar nossas previsões e teorias” (COSGROVE, 1998, p. 109). A análise da paisagem simbólica proposta pelo autor se refere à leitura de um texto que, por meio das visitas *in locu* (trabalho de campo), essas evidências são aprendidas e em muito contribuem para a compreensão e explicação das festas como significado e identidade de grupos imprimindo uma dada paisagem cultural, bem como, atividades que impulsionam pensar as festas como potencialidades turísticas.

As informações qualitativas obtidas nessas visitas e a análise bibliográfica constituem o caminho para produção, que enfatiza a formação histórico-social e as relações das festas e das folias com os elementos da cultura e com o potencial turístico local.

O levantamento prévio de dados cadastrais acerca da localização das áreas de festejos dos percursos envolvidos (bairros, praças, ruas e avenidas), das datas dos festejos,

de quando for o caso, de plantas urbanas dos locais onde ocorrem os eventos, envolverá tanto a coleta e tratamento de dados secundários quanto a geração de dados primários. Utilizando-se da entrevista enquanto técnica de coleta de dados para a leitura da paisagem apresentada pelas manifestações culturais o que constitui uma paisagem cultural.

O presente artigo estrutura-se em quatro partes nas quais se aborda primeiramente considerações conceituais para o estudo das paisagens culturais religiosas, em seguida apresenta-se uma reflexão sobre o contexto histórico do surgimento da cidade de Anápolis em meio as condições de uma religiosidade popular e sua contribuição para o fortalecimento das tradições religiosas no município. Na terceira parte apresenta-se uma discussão sobre os elementos e o contexto do ciclo junino e a origem da folia de Reis. Na quarta parte expõe-se uma narrativa preliminar das folias abordadas no recorte empírico da pesquisa, finalizando com as considerações.

Considerações para o estudo das paisagens culturais

O estudo da paisagem é fundamental na Geografia. Desde o final de 1890, Otto Schluter o usava para manter a unidade da geografia, pois para esse autor a paisagem é tanto modelada pelas forças da natureza e pela vida, quanto pela ação dos homens. Esse argumento possibilita, atualmente, na ciência geográfica, novos desdobramentos em que o estudo da paisagem de acordo com Vargas (2007, p.165) “vai além de uma morfologia do ambiente ou de uma psicologia do olhar. A paisagem não reside no objeto, nem somente no sujeito, mas na interação complexa desses dois termos. [...] As paisagens emergem segundo as experiências e as percepções de cada indivíduo”.

Nesse sentido, as paisagens culturais envolveriam aspectos objetivos e subjetivos do mundo vivo, ou seja, seriam paisagens vividas pelo simbólico e imaginário dos grupos e povos que as constituem. Nesse esforço interpretativo buscou-se compreender os percursos das folias e a realização das festas de padroeiros da cidade de Anápolis como uma leitura da paisagem cultural religiosa dos grupos católicos dessa cidade em sua dimensão festiva.

O estudo da diversidade das paisagens religiosas busca olhar as várias nuances da religião. Para Claval (1999:55) a atividade religiosa constitui um tema central para o estudo das coletividades humanas, “pois permite compreender aquilo que as estruturas e a partir de que elementos se constroem as identidades coletivas”. Como manifestação da cultura no espaço, a religião cria suas próprias marcas, formas de estabelecer-se nos lugares, vistas através dos ritos e símbolos que se impõe à organização do espaço.

Essas marcas refletem alterações significativas na paisagem, que caracterizam seu aspecto singular e transmudado. Para tanto, busca-se na literatura geográfica conceitos de paisagem que a aproximem da cultura. Sauer (1998) contribui, concebendo a paisagem como uma forma estritamente geográfica de se pensar a cultura, e a reforça como marca da ação do homem sobre uma área. Logo, a ação pode derivar da inserção dos grupos humanos por tradição em áreas distintas.

Berque (1998:84-85), outro autor que corrobora na discussão, analisa a paisagem como marca e matriz. A primeira “na sua relação com o sujeito coletivo: a sociedade que a produziu, que a reproduz e a transforma em função de uma certa lógica”, um sentido cultural. Já a segunda, seria a paisagem como matriz “porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação, ou seja, da cultura que a canaliza em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza”.

Para Cosgrove (1998:98) a paisagem “é uma maneira de ver, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma cena, em uma unidade visual”, o autor ressalta ainda a importância simbólica da paisagem, aliás, para ele toda a paisagem é simbólica. Essas reflexões subsidiam compreender a paisagem simbólica construída e estruturada nas festas de padroeiros e nas folias.

Essas contribuições dos autores relacionados são percebidas pelas transformações na paisagem a partir das diversas atividades existentes para atender à demanda da organização e dos participantes nessas festividades religiosas.

No que concerne aos primórdios históricos desta festividade, ganham relevo as festas religiosas de padroeiros, relacionadas diretamente ao poder do governo português, por meio da Igreja Católica, que, em sua estrutura, em sua diretriz, conseguiu criar um calendário anual de festividades de santos e padroeiros, interligando práticas auríferas, pastoris e agrárias.

Essa condição foi expressa na fundação dos arraiais e vilas, que nasceram protegidos pelos inúmeros santos do culto católico. Recebendo nome de um santo, ou sendo influenciadas pela religião, muitas cidades tiveram suas denominações ligadas ao padroeiro; algumas modificando de nome, outras perpetuadas até hoje com essas designações.

Várias cidades em nosso país destacam-se como exemplos: São Vicente, São Salvador, São Paulo, São José, Nossa Senhora do Desterro, São Luiz, São Sebastião do Rio de Janeiro e tantas outras, assim com Anápolis^{iv}, se constituem como *locis* em que tal

cultura de homenagear os santos se aplica. Para homenagear esses santos, cada localidade promove, em datas diferenciadas ou semelhantes, suas festas em louvor àquele que tem o poder de proteger ou interceder e atender aos inúmeros pedidos dos devotos.

Segundo Da Matta (1984, p.89), “a vida de um santo é uma história exemplar a ser imitada pelos homens e a procissão que ao santo se dedica diz um pouco dessa caminhada terrena para o Céu”. A religiosidade e as festas de santos demonstravam uma estreita dependência da divindade cultuada para com as questões do cotidiano dos devotos. Os santos são os modelos a serem seguidos na vida terrena e seus representantes legitimam essa condição.

Perante as mudanças na sociedade atual, as festas religiosas podem ser vistas como fator de ressignificação, ou seja, a perpetuação de uma tradição presente nos diversos municípios brasileiros, essas são celebradas em maior ou menor intensidade. Elas resistem e permanecem diante dos diversos cenários da contemporaneidade, embora já venham marcadas pelo estigma comercial e o apelo logístico evidenciados, mesmo nos lugares mais distantes.

O contexto histórico do aparecimento da cidade de Anápolis a tradição da devoção à Sant’Ana

No início do século XIX quando Augusto de Saint-Hilare, percorria pela província de Goiás percebeu que já havia alguns fazendeiros naquela região, e suas terras serviam de pouso para os tropeiros que andavam atrás de ouro. Só que não encontravam, então percebendo a boa qualidade do solo muitos decidiram se instalar ali para construir família e explorar a terra. Saint-Hilare apud (Polonial, 2007, p.15)

[...] parei na Fazenda das Antas situada acima do rio do mesmo nome e um dos afluentes do Corumbá. A fazenda era um engenho de açúcar que me pareceu em péssimo estado de conservação, mas o rancho que fazia parte dela era espaçoso e limpo e foi ali que nos instalamos. Foi nesse galpão que encontrei os mercadores de Araxá... Eles percorriam as fazendas levando cobertores, chumbo para caça e outros artigos que trocavam por bois.

Pela descrição do naturalista Francês, podemos notar a movimentação na época. Tanto no sentido econômico, as atividades comerciais de tropeiros entre Minas Gerais e Goiás, com a agricultura, destacando a plantação de cana-de açúcar, e com a pecuária na criação e no

comércio de gado, quanto no aspecto religioso, um dos pontos de aglutinação da população da época era a cidade de Anápolis (POLONIAL, 2007, p.16).

Segundo relatos nesta época, quando andava pela região, Ana das Dores perdeu seu animal que carregava Nossa Senhora de Santana, e ao encontrá-lo não conseguiu levantá-lo com a caixa que estava à santa, o que levou as pessoas à interpretação de que a Santa gostaria de ficar ali.

Já em 1870 seu filho Gomes de Souza Ramos, após receber doações de grande quantidade de terras feita por Joaquim Rodrigues dos Santos, construiu a capela de Nossa Senhora de Santana, que teve uma grande mobilização da população local pelo incentivo religioso. Mas antes mesmo da construção, já se reuniam para grupos de orações nas fazendas. Com a capela pronta, ali se tornava o ponto referencial do povoado que, em 1873 foi criada a freguesia de Santana das Antas, mudando, em 1884, para Santana dos Campos Ricos e retornando ao nome anterior em 1886.

Na data de, 15 de dezembro de 1887, foi elevada à categoria de vila, mas só foi instalada em 10 de março de 1892 e, em 31 de julho de 1907, à cidade, com o nome de Anápolis. Levando em consideração que é uma época pouco conhecida por pesquisadores pela falta de documentação, a maioria dela era baseada em relatos, o que se pode ter certeza é que o povoamento não teve início com a capela e sim com os fazendeiros e tropeiros que estavam ali antes.

Podemos observar então que o misticismo religioso está presente desde o início da construção da cidade, na qual a fé e a devoção foram fundamentais para o aumento da população local, mas as terras boas e com bastante água intencificaram também a vinda de mais pessoas para o povoado, que cresceu muito e no século XX seria o principal centro comercial de Goiás.

Em muitos municípios goianos, especialmente aqueles nascidos no período da mineração e agropecuária, tiveram nomes ou referências espaciais ligados a aspectos religiosos como nome de Santos, Padres, devotos, entre outros. Em Anápolis, no passado, isso foi algo corriqueiro e os festejos de santos padroeiros, quermesses, barraquinhas, ranchos e pousos de folia, povoaram a cultura popular e sobreviveram ao longo de décadas. Embora nem todas essas formas de expressão da fé continuaram em contato com o sagrado, existe uma ou outra que mantiveram sua tradição.

Expressão das tradições natalinas populares: Folias de Reis

As folias de Santo Reis se iniciam no mês de Dezembro, exatamente no dia 24 e terminam dia 06 de janeiro, sendo que em algumas regiões se iniciam dia 31, mas todas terminam no mesmo dia, fazendo parte de um ciclo natalino de festas. É uma manifestação que representa a peregrinação dos três reis magos (Baltazar, Belchior e Gaspar) que foram guiados pela estrela guia do Oriente até Belém onde nasceu Jesus. Seguem uma tradição da zona rural com origens católicas. Nesse período fazem o giro, que consiste no percurso realizado pelos foliões e participantes para arrecadarem dinheiro e alimentos para a festa de entrega, ou seja, a Festa de Reis.

Durante esses dias passam em várias casas, muitas vezes em mais de uma região, pedindo ajuda como (dinheiro ou alimentos). Segundo a tradição esse percurso deveria começar pelo leste e terminar no oeste, e ser feito a noite. Brandão salienta que o certo seria fazer como os Três Reis Santos fizeram no tempo deles: “caminhar durante a noite, em silêncio, pelas estradas, sem cantar nada e sem sequer levar velas ou lanternas acesas; bater à porta das casas do giro e pedir entrada; cantar baixo e respeitosamente pedindo esmolas; agradecer e retirar-se, seguindo com o giro até de manhã, quando a folia pousava até o começo da noite seguinte” (Brandão, 2004 p.351).

Os giros se iniciam pela manhã e percorrem pelas casas até a hora do almoço, onde param em uma residência que é chamada de *pouso do almoço*. No período da tarde voltam para o percurso, parando novamente a noite para o *pouso do jantar*. Isso durante todos os dias de folia. Nesses dias os foliões ausentam de seu cotidiano e se integram as atividades da folia, em outro tempo, o tempo do sagrado de vivência, do ritmo da viola, do canto, da comida, dos instrumentos musicais, que são carregados pelos foliões, muitos feitos manualmente, e a bandeira representando os três Reis magos, principal peça simbólica/sagrada da folia. Segundo Deus e Silva as folias

foram trazidas de Portugal e com o tempo adquiriram traços populares que se misturam com o candomblé do Rio de Janeiro ou com as congadas de Alagoas. Em Goiás essas folias são as mais populares e acontecem mesmo em cidades maiores, porém em cada lugar elas se adaptam. Não existe uniforme, cada grupo se enfeita com conforme o costume do lugar [...] Os personagens mais comuns às folias são o rei aquele que tira a folia; a rainha, aquela que prepara a festa; o embaixador ou mestre guia o que inicia todas as cantorias e terços; em geral é um repentista; o encarregado da folia, quem resolve todos os assuntos da festa; o coro: pessoas que executam a música. Alguns usam instrumentos e outros participam com a voz; o Procurador aquele que recebe ajuda e a contribuição em benefício da folia e da festa. Quanto ao palhaço: é o soldado de Herodes que persegue o menino Jesus; o número deles varia de uma a três. Vão quase sempre acompanhados dos alferes e são

mascarados porque, segundo a tradição popular, quando foram ao presépio procurar o menino Jesus para matá-lo não tiveram coragem. Então não voltaram ao quartel do rei, para não serem reconhecidos, passaram a usar máscaras. (DEUS E SILVA, 2002, p.61).

No período do giro há algumas eventualidades que não podem ocorrer como, a bandeira só pode andar para frente e acompanhada dos palhaços e da sua guiadora. Não se deve cruzar bandeiras, isso pode acontecer quando há duas folias numa mesma região, dizem os mais antigos, *que quando se cruzam morre algum integrante da folia*.

Quando duas companhias encontravam-se em jornada, havia conflitos simbólicos de parte a parte. Os embaixadores desafiavam-se catando de improviso. O vencedor arrebata a bandeira da folia perdedora. Até hoje há versões de que alguns embaixadores do passado possuíam poderes próximos aos da feitiçaria e podiam atrapalhar a jornada de uma folia de tal modo que, apesar dos esforços do grupo ela não conseguia chegar ao lugar da festa de Santos Reis no dia 6 de janeiro. (BRANDÃO, 2004 p.352)

Ressaltando que, durante o giro nas casas os foliões cantam como forma de agradecimento pela oferta e naquelas casas que tem o presépio montado, cantam mais de uma vez, alguns moradores servem lanches e até uma melhor oferta. Os Palhaços são quem vão primeiro às casas para pedir e ter a permissão do morador para os foliões entrarem.

Em síntese, o ritual se inicia com o terço rezado diante do altar na saída; giro; cantos; almoço da folia onde se reza o terço e canta em agradecimento; giro novamente; jantar com muito canto, reza e agradecimentos. Ali é o local onde sempre dormem, por isso, muitas vezes, é um momento de lazer, dança e cantoria, juntamente com bebidas. Sempre que a comida é servida, os primeiros a comer são os foliões. A folia expressa uma religiosidade coletiva carregada de solidariedade e sentimentos de pertencimento, trazendo para o mesmo cenário um misto de pessoas em suas variadas e inúmeras formas de expressar ao sagrado. Essas pessoas, as quais atuam em momentos de muita fé e religiosidade, também agem em uma intensidade de rituais profanos durante o período da folia.

Folias de Santo Reis, em Anápolis: a vivencia das folias no cotidiano urbano

Essas manifestações religiosas, assim como as festas de padroeiros, são uma forte característica das regiões goianas. Têm suas raízes vindas da zona rural e ligadas ao catolicismo, que foi se adaptando com o tempo e hoje tem maior atuação na zona urbana.

Todavia, ao migrar do campo para a cidade estas manifestações encontram um ambiente diferente. No meio urbano, as Folias de

Reis se viram obrigadas a se modificar e se adaptar ao local em que se instalaram. No campo, os grupos de folias buscavam em sua grande maioria, realizar seus “giros” no período do ciclo natalino, e o maior propósito de sair e acompanhar uma “Companhia de Reis” na roça estava na devoção. (ALMEIDA e MOTA, 2011, p. 6)

O município de Anápolis tem forte representação dessas manifestações, tanto das festas de padroeiros como das folias. O nosso estudo recorta as Folias de Santo Reis, que são praticadas no Bairro Novo Paraíso, Paraíso e Vila Mariana, situados na região sudoeste da cidade. A pesquisa ainda está no processo de observação e aplicação de questionários para coletar dados dos participantes dessas festas. Apesar de se fazer um recorte dessas folias, existem outras na cidade como as de São Sebastião, Divino Espírito Santo, Divino Pai Eterno e até mesmo de Santos Reis fora do ciclo natalino.

Essas folias seguem uma tradição de família e atuam principalmente na comunidade onde vivem, embora vão para outras regiões inclusive a zona rural. Existem três grupos que praticam o *giro* de folia na mesma época são eles: Discípulos de Santo Reis organizado por Otacílio, Jose Pereira organizado por Demeval Pereira e os Cassianos liderada pelo João Cassiano.

O grupo Discípulos de Santo Reis atua principalmente na região do Novo Paraíso, é um grupo consideravelmente grande entre homens, mulheres, jovens e crianças, mas entre eles as mulheres só participam externamente, fazendo as comidas e organizando os lugares dos pousos que na maioria das vezes são entre a família do organizador. São pessoas simples, com baixo nível de escolaridade. Essa constatação foi obtida após análise dos 12 questionários aplicados entre os integrantes do grupo. Nesse conjunto observou-se que somente um integrante do grupo tinha nível superior e assim não atuava na organização da folia.

Na maioria das vezes os giros são feitos próximo ao local de saída, mas podem ir à outros bairros. Um exemplo é o Filostro, bairro distante da origem dessa folia, mas que abriga moradores ligados por laços familiares e de afinidades com a tradição de receber, em suas casas, a bandeira de Santos Reis da Folia dos Discípulos. Nesse bairro o giro acontece durante um dia. O principal ponto de apoio é um barracão de palha construído no lote da casa do organizador e seus filhos, tudo com muita simplicidade.

O grupo tem como hábito beber pinga e fumar bastante durante o período da folia. Essa prática torna-se uma tradição durante a folia, a qual, jovens e adolescentes já aderiram. Outra característica forte entre eles é a participação de crianças que, desde

pequenas já tocam os instrumentos, cantam e participam integralmente durante todo período da folia.

Grupo do Jose Pereira é a maior folia da região, também com uma diversidade de pessoas entre jovens, crianças, adultos e idosos. Nessa folia as mulheres têm participação ativa junto com todo o grupo. Um dos fatores que chama atenção é a intensa participação de foliões de fora da cidade nessa folia, ou seja, seus dirigentes convidam várias pessoas de regiões próximas como Goianápolis, Nerópolis, Goiânia, Aparecida entre outras, para que durante esses 12 dias, saíssem de suas casas e ajudassem o grupo a girar a Folia dos Três Reis do Oriente. É bem organizada e vem seguindo uma tradição de pai para filhos, além de girarem na região do Novo Paraíso, vão para a zona rural e bairros adjacentes.

No período da folia há muita festa, diversão, brincadeiras, bebidas e cigarros, não deixando de lado o comprometimento com a fé e a crença. E um grupo de pessoas que se ajudam, como nessa vieram para participar pessoas de outras cidades, os integrantes da de Anápolis vão até outros locais para participar e ajudar a cada um durante suas folias.

Dos Cassianos, um grupo diferenciado, pequeno e com um pessoal mais elitizado são pessoas de difícil acesso, mas com comprometimento. São devotos, participam dessas folias pessoas mais antigas, homens e algumas mulheres somente, poucos jovens. Pode-se observar que é o contrário das citadas anteriormente.

Apesar de serem grupos diferentes onde exaltam o mesmo santo, tangenciam entre si principalmente no momento de exaltação aos presépios. São pessoas que se conhecem e que auxiliam uns aos outros durante suas folias. Essas festas são uma mistura de elementos de fé e religiosidade com atitudes profanas, mas aconteça o que acontecer os foliões estão ali cumprindo sua promessa, participando de seu ritual, com prazer e alegria.

Considerações finais

As paróquias em Anápolis são uma das marcas na paisagem urbana e aglutinam em seu redor as práticas rituais católicas. As paróquias e suas festas representam em parte essa expressão da fé, da vivência e do compromisso do povo católico com sua prática religiosa.

Elementos de uma tradição difundida e celebrada por meio da comunicação entre seus seguidores, as festas e as folias visitadas possibilitaram perceber a expressão da religiosidade e a dinamicidade de uma das vertentes da paisagem religiosa anapolina. Acredita-se, como propõe Brandão (2004), que não há melhor maneira para se compreender a cultura de um povo, a não ser por meio de sua religiosidade. Conhecer parte

das manifestações culturais anapolinas, pelo viés da religiosidade católica, contribui para a leitura da paisagem cultural dessa cidade, evidenciando assim, suas singularidades e particularidades ainda desconhecidas.

Bibliografia

- ALMEIDA, M. G. e D'ABADIA, M. I.V. Festas Religiosas e Pós-modernidade. **Revista GEONORDESTE**, Ano XX, n. 2, 2010, pp 59-82. Disponível em <http://www.campusitabaiana.ufs.br/npgeo/geonordeste/20092/FESTAS%20RELIGIOSAS%20E%20P%20C3%93S-MODERNIDADE.pdf> , Acesso em 09/11/2010.
- BERQUE, A. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural. CORREA, Roberto L. ROSENDAHL, Zeny.(orgs) **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro:EdUERJ, 1998, pp. 84-91.
- CLAVAL, Paul. **Geografia Cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.
- COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORREA, Roberto L. ROSENDAHL, Zeny.(orgs) **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro:EdUERJ, 1998, pp. 92 – 122.
- DA MATTA, R. **O que faz o brasil, Brasil?** 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1984, 126p.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De tão longe eu venho vindo: símbolos gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás**. Goiânia editora UFG, 2004.
- _____. **A Cultura na Rua**. Campinas/SP: Papirus Ed., 1989.
- DEUS, Maria do Socorro de e SILVA, Mônica Martins da, **Historia das festas e religiosidades em Goiás**. Goiânia: Agepel/ UEG, 2002, (Coleção Histórias de Goiás).
- MOTA, Dias Rosiane e ALMEIDA, Maria Geralda. **No “giro” da festa: As folias e manifestações presentes no ciclo natalino no estado de Goiás**. Salvador, 2011, p.1-15.
- PESSOA, J. M. **Saberes em Festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular**. Goiânia: Editora da UCG, Kelps, 2005.
- POLONIAL, Juscelino. Anápolis: das origens do povoado à revolução de 1930. In: TOSCHI, Mirza Seabra.(org.)**100 anos Anápolis em pesquisa**. Anápolis: [s.n], 2007, (Goiânia: EV).
- RIBEIRO, G. T. F.; LEITE, J. A. Religiosidade Anapolina: Uma visão ecumênica. **Jornal O Centenário**. Anápolis, ano 2, nº7, 2006.
- SAUER, C. O. A Morfologia da Paisagem. In: CORREA, Roberto L. ROSENDAHL, Zeny.(orgs) **Paisagem, Tempo e Cultura**.Rio de Janeiro:EdUERJ, 1998, pp.12-75.
- VARGAS, Icléia A. de . Paisagem, Território e identidade: Uma abordagem da Geografia Cultural para o Pantanal Mato-grossense. In:KOZEL, Salete et.al. **Da percepção e cognição a representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba:NEER, 2007.

Notas

ⁱ Esse artigo é parte das reflexões que envolvem os resultados preliminares do Projeto de Pesquisa “Dinâmicas da Paisagem Cultural: manifestações da religiosidade popular no município de Anápolis-GO” 2011/2012 – PRP-UEG, coordenado pela prof.^a Dr^a Maria Idelma Vieira D’Abadia, desenvolvido no Centro Interdisciplinar de Estudos África - América – UEG. E também integra resultados para a cidade de Anápolis pesquisada no Projeto Pró-cultura: A dimensão territorial das festas populares e do turismo: estudo

comparativo do patrimônio imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe – Capes – 2010/2012, no qual sou colaboradora.

ⁱⁱ Professora Doutora em Geografia – Docente do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás.

ⁱⁱⁱ Discente do curso de Geografia – Bolsista de Iniciação Científica pelo Programa de Iniciação Científica-UEG – CNPq / AF – 2012, no Projeto Dinâmicas da Paisagem Cultural: manifestações da religiosidade popular no município de Anápolis-GO” 2011/2012

^{iv} Em 25 de Abril de 1870, moradores das imediações do córrego das Antas doaram uma área de terras para que fosse construída uma capela em louvor a Nossa Senhora de Santana. O termo de doação foi o primeiro documento histórico assinado nas terras de Santana. Em 1871, Gomes de Souza Ramos iniciou a construção da capela que logo ficou pronta. Em três de novembro de 1871, foi designado o primeiro capelão para o templo recém-construído, o padre Francisco Inácio da Luz. No ano seguinte, os habitantes do povoado encaminharam ao presidente da província um requerimento que solicitava a elevação do povoado à categoria de freguesia, com o nome de Santana das Antas, o que foi conseguido em 1873 (RIBEIRO e LEITE, 2006, p.25).